

INSTITUTO FEDERAL DA PARAÍBA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS A DISTÂNCIA

JUDITE DA SILVA RIBEIRO

ANÁLISE LINGUÍSTICA NA SALA DE AULA: uma proposta de sequência de aulas a
partir do gênero crônica

JOÃO PESSOA,
2022

JUDITE DA SILVA RIBEIRO

ANÁLISE LINGUÍSTICA NA SALA DE AULA: uma proposta de sequência de aulas a partir do gênero crônica

Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras a Distância.

Orientador: Prof. Dr. José Moacir S. da Costa Filho

JOÃO PESSOA,

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Nilo Peçanha do IFPB, *campus* João Pessoa

R484a Ribeiro, Judite da Silva.

Análise linguística na sala de aula : uma proposta de sequência de aulas a partir do gênero crônica / Judite da Silva Ribeiro. – 2022.

48 f. : il.

TCC (Graduação – Licenciatura em Letras a Distância) – Instituto Federal de Educação da Paraíba / Coordenação do Curso de Letras a Distância, 2022.

Orientação : Prof ° D.r José Moacir S. da Costa Filho.

1. Ensino de língua portuguesa. 2. Gênero textual. 3. Crônica.
4. Análise linguística. I. Título.

CDU 37:82-94(043)

FOLHA DE APROVAÇÃO

JUDITE DA SILVA RIBEIRO

ANÁLISE LINGUÍSTICA NA SALA DE AULA: uma proposta de sequência de aulas a partir do gênero crônica

Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras a Distância.

Orientador: Prof. Dr. José Moacir S. da Costa Filho

Aprovado em 10 de fevereiro de 2022.

BANCA EXAMINADORA



Presidente: Prof. Dr. José Moacir S. da Costa Filho – IFPB



Examinadora: Profa. Dra. Gerthudes Hellena Cavalcante de Araújo – IFPB



Examinador: Prof. Dr. Neilson Alves de Medeiros – IFPB

Dedicatória

*A todas as pessoas, principalmente os
professores, que contribuíram para minha
formação humana e profissional.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, com a fé que o tenho, me deu saúde, força e determinação durante todo o curso e a todos que não acreditaram ou descredibilizar as minhas lutas para chegar até, pois sua descrença contribuiu de forma significativa para que eu confiasse e acreditasse mais em mim.

De forma bem particular, agradeço a Ivo Mendonça, considero-o o meu melhor amigo e parceiro, que sempre respeitou as abdicções que fiz durante o curso para dar prioridade aos estudos e pela motivação diante as minhas escolhas.

Aos meus amigos, principalmente Aparecida Tavares, Maria Luiza, Hellen Jacqueline e Luciana Freitas que se fizeram presente ao longo de todo o curso, em especial, no tempo que me dediquei a esse trabalho.

A Nayra Kelly, minha filha, mesmo estando distante, me automotiva para que eu seja um exemplo para ela e que toda luta é válida e possível quando se ama.

Com o coração cheio de saudades, agradeço a todos os professores, sem exceção, do curso de letras – EAD – do Instituto Federal da Paraíba, excepcionalmente aos professores (as): Josali Amaral, Maria Analice, Mônica Maria, Girlene Formiga, Francilda, Gertrudes Helena, Marta Celia, José Moacir, Otoniel Machado, João Edson, Neilson Alves, Adriana Araújo, Kelly Sheila, Marcley da Luz, Jansen Almeida e Lauro Pires.

Agradeço, imensamente, a essa instituição pública de qualidade, Instituto Federal da Paraíba – IFPB – que afirmo e comprovo que uma das suas maiores grandezas é democratizar o ensino para todos, sem distinção de classe, renda ou etnia.

E por fim, ao meu orientador, Prof. Dr. José Moacir S. da Costa Filho, na qual sou admiradora da pessoa e do profissional que é. Com suas experiências e ética profissional contribuiu para a existência desse trabalho, a você, Professor Moacir, minha eterna gratidão.

*“Ensinar não é transferir conhecimento, mas
criar as possibilidades para a sua própria
produção ou a sua construção.” (Paulo
Freire)*

RESUMO: O ensino de língua portuguesa está pautado atualmente nas contribuições da Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2018). Esse documento de caráter normativo destaca quatro eixos de ensino: leitura, produção de texto, oralidade e análise linguística. No entanto, percebemos que o documento não destaca de maneira prática como deve acontecer o trabalho com os eixos e, especialmente o eixo de análise linguística, acaba sendo alvo de difícil compreensão. Pensando nisso, este trabalho objetiva apresentar uma proposta de sequência de aulas com foco na Análise Linguística a partir do gênero textual crônica para o nono ano do Ensino Fundamental da Educação Básica. Nessa proposta, a análise linguística aparece interligada aos outros eixos de ensino de língua portuguesa, isto é, oralidade, leitura e produção textual. A sequência de aulas está pautada nas orientações da BNCC (BRASIL, 2018) e especificamente nas discussões de Mendonça (2007) sobre Análise Linguística. Para desenvolvê-la, inicialmente discutimos os quatro eixos de ensino apresentados pela BNCC, enfatizando, porém, o eixo da Análise Linguística, para que possamos entender sua importância no processo de ensino da língua portuguesa e sua materialização a partir do trabalho com gêneros textuais. Por fim, com a proposta apresentada, destacamos o ensino de língua portuguesa a partir das recomendações da BNCC e contribuímos, ainda que com apenas um exemplo de sequência de aulas espirada na concepção de sequências didáticas de Díaz, Noverraz e Schneuwly, para a elaboração de estratégias de aprendizagem focadas no ensino de análise linguística a partir do texto.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de língua portuguesa. Gênero textual. Crônica. Análise Linguística.

ABSTRACT: The teaching of the Portuguese language is currently based on the contributions of the National Common Curricular Base - BNCC (BRASIL, 2018). This normative document highlights four teaching axes: reading, text production, orality and linguistic analysis. However, we noticed that the document does not highlight in a practical way how the work with the axes should happen and, especially the axis of linguistic analysis, ends up being difficult to understand. With this in mind, this work aims to present a proposal for a sequence of classes focusing on Linguistic Analysis from the chronic textual genre for the ninth year of Elementary School of Basic Education. In this proposal, linguistic analysis appears interconnected to the other axes of Portuguese language teaching, that is, orality, reading and textual production. The sequence of classes is based on the guidelines of the BNCC (BRASIL, 2018) and specifically on the discussions of Mendonça (2007) on Linguistic Analysis. To develop it, we initially discussed the four teaching axes presented by the BNCC, emphasizing, however, the axis of Linguistic Analysis, so that we can understand its importance in the process of teaching the Portuguese language and its materialization from the work with textual genres. Finally, with the proposal presented, we highlight the teaching of Portuguese language based on the recommendations of the BNCC and we contribute, albeit with just one example of a sequence of classes inspired by the design of didactic sequences of Dlaz, Noverraz and Schneuwly, for the elaboration of learning strategies focused on teaching linguistic analysis from the text.

KEYWORDS: Portuguese language teaching. Text genre. Chronic. Linguistic Analysis.

1. Introdução

O ensino de língua portuguesa atualmente é pautado na Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018). Esse documento tem caráter normativo, estabelece e organiza competências e habilidades essenciais de aprendizagem para os alunos desenvolverem ao longo da Educação Básica. Ela reforça, também, as orientações divulgadas pelos Parâmetros Nacionais Curriculares – PCN (BRASIL, 1998), principalmente o de língua portuguesa no que diz respeito à Análise Linguística.

A BNCC aponta quatro eixos: leitura, oralidade, produção textual e análise linguística/semiótica, articulados a um trabalho integrado de aprendizagem, mas não expõe exemplos práticos que venham favorecer as intervenções ou os procedimentos pedagógicos em sala de aula.

Por outro lado, conhecemos problemas associados ao ensino de língua portuguesa que se estendem ao longo dos anos, sendo um deles a baixa proficiência de leitura e escrita, como apontam dados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes 2018 – PISA, que afirma que 50% dos estudantes até o final do ensino médio do Brasil não atingiram o mínimo esperado de proficiência em leitura e escrita, (INEP, 2019), fato muito preocupante e que afeta diretamente o ensino superior, e que, provavelmente é fruto da fragilidade do Ensino Fundamental. Essa fragilidade pode ser percebida por meio de dados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), que apontam que somente 36% dos alunos dos anos finais do Ensino fundamental “aprenderam o adequado na competência de leitura e interpretação de textos até o 9º ano na rede pública de ensino”.

Acreditamos que um dos possíveis problemas que afeta a proficiência do ensino de língua portuguesa nos anos finais do Ensino fundamental seja a desintegração dos eixos linguísticos e o ensino da Análise Linguística feito por meio de fragmentos do texto, palavras ou frases isoladas, em outras palavras, um ensino descontextualizado do texto. Como solução, ou um meio de chegar à solução, é necessário intensificar as reflexões sobre as concepções metodológicas do ensino dos eixos linguísticos, desmistificar interpretações errôneas sobre o eixo da Análise Linguística e considerar os aspectos linguísticos a partir de seus usos.

Desse modo, nesse trabalho temos por objetivo apresentar uma proposta de sequência de aulas com foco na Análise Linguística a partir do gênero textual crônica de viagem. Para alcançarmos essa proposta, que integra a análise linguística aos demais eixos de ensino de língua portuguesa como sugere a BNCC (BRASIL, 2018), desenvolvemos

como objetivos específicos que nortearam as discussões levantadas neste trabalho: i) refletir sobre o ensino de língua portuguesa em torno dos eixos de ensino apresentados pela BNCC, principalmente do eixo da Análise Linguística; ii) apresentar condições de aprendizagens por meio de procedimentos didáticos a partir do gênero crônica; e iii) propor uma sequência de aulas integrando os eixos de ensino de língua portuguesa objetivando a aprendizagem da Análise Linguística.

Nosso trabalho se justifica pela necessidade de refletir sobre o ensino de língua portuguesa, principalmente nos anos finais do Ensino Fundamental da Educação Básica, buscando condições satisfatórias de aprendizagem da Análise Linguística para que os alunos tenham uma boa proficiência de leitura e escrita. A escolha pelo foco na Análise Linguística se justifica pelo fato da má interpretação sobre seu ensino e sobre sua aprendizagem, que ao longo dos anos foi constituída em fragmentos textuais ou frases isoladas sem um valor significativo comparando-a ao uso da língua. Seguindo a BNCC, nossa proposta foi desenvolvida tendo como centro da aprendizagem o gênero crônica de viagem do tipo filosófica materializando a abordagem de ensino centrada no texto, como direcionam os PCN (BRASIL, 1998) e a BNCC (BRASIL, 2018).

Pensando nessa perspectiva de ensino centrada no texto, segundo Bakhtin (2016, p. 41) “quanto mais dominamos os gêneros, maior é a desenvoltura com que os empregamos e mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade [...]”, consoante a essa fala, Marcuschi (2008, p.155) destaca os gêneros textuais como elementos vivos que circulam dentro de uma esfera sócio comunicativa e que assumem características própria do meio de circulação, especificamente a crônica que caracteriza-se como texto curto com linguagem simples e cotidiana, porém objetiva (OSHIO, 2020).

Escolhemos a crônica como recurso e suporte metodológico porque, além de transitar entre os estilos jornalístico e literário, ela oferece ao professor um suporte linguístico e metodológico para ser trabalhada em um tempo hábil de uma aula, e também, oferece condições pedagógicas para uma sequência de aulas com a realização diversas atividades com ela.

Para o desenvolvimento da proposta, inicialmente nos debruçamos sobre os estudos dos eixos de ensino na BNCC (BRASIL, 2018) e especificamente nas discussões de Mendonça (2007) sobre Análise Linguística. Além dos apontamentos de Mendonça (2007), trouxemos o PCN (BRASIL, 1998) de língua portuguesa, um documento anterior à BNCC e que inicia a discussão sobre o ensino em torno dos eixos de aprendizagem, e Antunes

(2014), para desmistificar o ensino de gramática contextualizada e correlacionar ao eixo da Análise Linguística.

Desse modo, esse trabalho tem uma abordagem qualitativa, pois tem relação com as especificidades da atualidade, já que a reflexão do ensino de língua portuguesa é sempre pertinente e atual. Esse tipo de abordagem “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.” (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 31).

Esse trabalho também é de natureza aplicada porque objetiva gerar conhecimentos e práticas almejando solucionar um problema específico, nesse caso, as sequências de aulas elaboradas a partir do gênero crônica. Além disso, o trabalho segue procedimentos bibliográficos, haja vista que foram feitos levantamentos de base teórica e documental para estruturar as discussões.

O presente artigo está estruturado em mais três seções além da introdução. A segunda tem como foco os eixos de ensino. Na terceira descrevemos a proposta voltada a uma sequência de aulas distribuídas em cinco aulas e, em seguida, pontuamos a relação da Análise Linguística como eixo central. Por fim, traremos as considerações finais, levantando a ressalva de que, mesmo sabendo que a BNCC não deixa claro quais são as condições necessárias que o professor deve oferecer aos alunos para desenvolver a aprendizagem do eixo da Análise Linguística, é possível elaborar estratégias de aprendizagem por meio de suas orientações.

A seguir, apresentamos uma breve discussão sobre os eixos de ensino de língua portuguesa.

2. Eixo de ensino de língua portuguesa

A aprendizagem da língua portuguesa é um dos fatores curriculares mais importantes e mais cobrados no processo de ensino aprendizagem escolar. Para favorecer essa aprendizagem os documentos parametrizadores apontam possibilidades didáticas ou metas linguísticas que os alunos devem alcançar para que a aprendizagem se efetive, por intermédio dos procedimentos didáticos do professor. Vale ressaltar que esses documentos foram elaborados para os professores, mas seu foco é na aprendizagem do alunado.

Um das concepções bastante discutidas sobre a aprendizagem de língua portuguesa é a de que apenas aprender a ler e a escrever os códigos escritos encontrados nas esferas sociais não é o suficiente, muito além disso, é necessário compreendê-la em qualquer

lugar de uso. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de língua Portuguesa – PCN (BRASIL, 1998) “aprendê-la [a língua portuguesa] é aprender não somente palavras e saber combiná-las em expressões complexas, mas apreender pragmaticamente seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas entendem e interpretam a realidade e a si mesmas.” (BRASIL, 1998, p. 20).

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018), um dos documentos parametrizadores mais atuais que temos no Brasil, reforça as orientações dos PCN (BRASIL, 1998) sobre como o ensino de língua portuguesa deve proceder e, também, indica quais as habilidades e competências linguísticas que os alunos devem adquirir em cada série/ano deixando em evidência os objetivos que devem ser traçados durante o processo de escolarização, no caso dos PCN (BRASIL, 1998) essa aprendizagem ocorre em ciclos.

Para deixar mais nítida a centralidade do ensino da língua portuguesa descrita pelos PCN (BRASIL, 1998, p. 34) que diz “os conteúdos de Língua Portuguesa articulam-se em torno de dois eixos básicos: o uso da língua oral e escrita, e a reflexão sobre a língua e a linguagem”, a BNCC (BRASIL, 2018) agrega as duas modalidades da língua distribuindo-as em quatro eixo: a leitura, a oralidade, a produção textual e análise linguística/semiótica, isso porque, nas orientações dadas por esse documento para alcançar cada habilidade e competência para cada eixo deve ser trabalhada a língua oral e escrita por meio dos gêneros textuais, refletindo sobre seu uso.

Dessa forma, a BNCC afirma que:

Considerando esse conjunto de princípios e pressupostos, os eixos de integração considerados na BNCC de Língua Portuguesa são aqueles já consagrados nos documentos curriculares da Área, correspondentes às práticas de linguagem: oralidade, leitura/escuta, produção (escrita e multissemiótica) e análise linguística/semiótica (que envolve conhecimentos linguísticos – sobre o sistema de escrita, o sistema da língua e a norma-padrão –, textuais, discursivos e sobre os modos de organização e os elementos de outras semioses). (BRASIL, 2018, p.71)

Os eixos: leitura, oralidade, produção textual e análise linguística/semiótica são apresentados pela BNCC (BRASIL, 2018) com elementos de integração que promovem o ensino da língua. Mesmo apresentados separadamente, o documento nos leva a entender que esses elementos não são dissociados, mas desenvolvidos paralela e conjuntamente.

Para entendermos melhor as concepções de cada eixo da língua portuguesa apresentaremos, separadamente, nas seções seguintes, cada uma delas.

2.1 Eixo da leitura

A leitura está relacionada ao uso oral e escrito da linguagem e que se respalda em uma atividade ativa do sujeito em ver, observar, analisar, refletir e contestar o que se ler. Dialogando com essa vertente sobre a leitura, os PCN (BRASIL, 1998, p. 69) dizem que a leitura “é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc.”.

Dentro dessa mesma concepção, a BNCC (BRASIL, 2018, p. 71) afirma que o ensino de leitura “compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, [...]”. Assim, quando falamos de leitura não falamos somente sobre decifrar os códigos impressos que formulam as palavras, as orações e os textos que nomeiam ou dão sentido a alguma coisa, mas, sobre entender e compreender o significado e a função delas dentro de um contexto social e textual.

Consoante a essa discussão os PCN (BRASIL, 1998, p. 96 a 70) ressaltam que a leitura é uma ação que ocorre antes, durante e depois do ato de ler os códigos escritos, ou seja, o leitor precisa ter uma referência simbólica de um contexto social (cenário, objeto, gênero) para que quando realize a leitura ela tenha sentido e, ao terminar, reflita sobre a informações dada pelo texto e atribua a ele uma realidade social. Confirmando essa discussão os PCN (BRASIL, 1998) dizem:

Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas. (BRASIL, 1998, p. 69 a 70)

Nesse mesmo pensamento, porém mais abrangente, o eixo leitura para a BNCC (BRASIL, 2018) tem um significado mais vasto e dá amplitude ou dimensão para as atividades leitoras. O objeto de leitura não só o texto escrito em um papel, mas uma imagem, seja ela estática ou em movimento e uma onda sonora, ou seja:

Leitura no contexto da BNCC é tomada em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais.

O tratamento das práticas leitoras compreende dimensões inter-relacionadas às práticas de uso e reflexão, [...]. (BRASIL, 2018, p.71).

À vista disso, compreendemos que a leitura é uma atividade múltipla e diversa. Existem diversas formas de realizá-la, podendo ser silenciosa, compartilhada, dirigida, intencionada, deleite, oral, reflexiva, informativa, sensorial, audiovisual, visual, entre outras. Por meio dessas atividades leitoras, é possível identificar, compreender e interpretar as informações explícitas e implícitas dos textos (verbal ou não-verbal) e transformá-las em conhecimentos que serão bastante significativos na formação do leitor e escritor.

Algo muito importante no eixo leitura abordado nos PCN (BRASIL, 1998) e na BNCC (BRASIL, 2018) é que o leitor deve adquirir habilidade multissemiótica de analisar e refletir sobre seu perfil de leitor selecionando textos coerentes para sua formação leitora. Conforme os PCN (BRASIL, 1998, p. 70) “um leitor competente sabe selecionar, dentre os textos que circulam socialmente, aqueles que podem atender às suas necessidades, conseguindo estabelecer as estratégias adequadas para abordar tais textos”. Em consonância com essa informação, a BNCC (BRASIL, 2018, p. 85) aborda essa “seleção” de textos como curadoria:

A pesquisa, além de ser mais diretamente focada em um campo, perpassa todos os outros em ações de busca, seleção, validação, tratamento e organização de informação envolvidas na curadoria de informação, podendo/devendo também estar presente no tratamento metodológico dos conteúdos (BRASIL, 2018, p. 85).

Como esses documentos foram elaborados para os professores objetivando a aprendizagem dos alunos, as orientações dadas por eles, sobre seleção e curadoria dos textos a serem lidos, é, também, uma orientação metodológica para os procedimentos didáticos adotados pelos professores nos seus planejamentos pedagógicos, pois só se forma um bom leitor quando o formador é um bom leitor, e para isso, esse formador tem que ter bons recursos textuais. Segundo Rojo (2015) a curadoria é a atividade de “saber remixar, saber hibridizar, saber significar, saber qual é o critério estético interessante em uma remixagem ou por que uma remixagem é boa.”. Desse modo, os recursos textuais são conseguidos por meio de seleções ou curadoria dos textos que serão explorados em sala de aula, observando o discurso, gênero, esfera, a intertextualidade, intencionalidade e outras especificidades dos textos.

2.2 Eixo da produção textual

Assim como eixo da leitura, a produção textual é atribuída a práticas orais e escritas. Segundo os PCN (BRASIL, 1998) a produção de um texto pode ser registrada verbalmente ou oralmente, as duas formas de produção assumem características próprias conforme o gênero ou lugar de uso.

Para realizar a produção de um gênero, a exemplo de uma crônica, o autor deve ter conhecimentos prévios que lhe deem condições de produção, como finalidade, conhecimentos específicos do tipo de texto e gênero, esfera social na qual pode circular o texto e seus interlocutores. As condições de produção não se resumem a estética do texto, englobando também aspectos de conhecimento linguístico como, por exemplo: a) utilização de procedimentos diferenciados para a elaboração do texto; b) utilização de mecanismos discursivos e linguísticos de coerência e coesão textuais, conforme o gênero e os propósitos do texto; c) utilização de marcas de segmentação em função do projeto textual; d) utilização de recursos gráficos orientadores da interpretação do interlocutor, possíveis aos instrumentos empregados no registro do texto; e) utilização dos padrões da escrita em função do projeto textual e das condições de produção, etc. (BRASIL, 1998, p. 59).

Para a produção de gêneros orais, a exemplo de uma aula ou um seminário, as condições são parecidas com a produção escrita, mas com diferenças importantes, dentre elas a expressão corporal, gestual e a entonação da fala devem estar em sintonia para haja comunicação.

De acordo com a BNCC (BRASIL, 2018, p. 76) a produção textual pode ser uma ação individual ou coletiva, ou seja, “O Eixo da Produção de Textos compreende as práticas de linguagem relacionadas à interação e à autoria (individual ou coletiva) do texto escrito, oral e multissemiótico, com diferentes finalidades e projetos enunciativos [...]”.

2.3 Eixo da oralidade

Esse eixo é uma dimensão do eixo leitura e produção textual, principalmente nas formas orais. Segundo a BNCC (BRASIL, 2018, p.78) “O Eixo da Oralidade compreende as práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face, [...]”, em outras palavras, sua aprendizagem ocorre quando o professor propõe intervenções dialógicas, ou seja, onde o aluno expõe os conhecimentos dos outros eixos por meio da fala.

A materialização desse eixo ocorre por meio dos gêneros textuais orais, elencados na BNCC (BRASIL, 2018, p. 78 a 79)

[...] como aula dialogada, webconferência, mensagem gravada, spot de campanha, jingle, seminário, debate, programa de rádio, entrevista, declamação de poemas (com ou sem efeitos sonoros), peça teatral, apresentação de cantigas e canções, playlist comentada de músicas, vlog de game, contação de histórias, diferentes tipos de podcasts e vídeos, dentre outras. (BRASIL, 2018, p. 78 a 79).

O trabalho pedagógico com a oralidade contribui para inclusão social valorizando os diversos dialetos da língua portuguesa. Quando participamos de uma aula dialogada ou um seminário, mesmo usando a linguagem padrão, os aspectos culturais e regionais que fazem parte dos falantes são emitidos nos fonemas e léxicos que caracterizam a fala. Nessa perspectiva inclusiva, a BNCC (BRASIL, 2018, p. 161) elenca essa discussão como uma das habilidades a serem desenvolvidas “(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico”.

2.4 Eixo da análise linguística/semiótica

Por um longo tempo a gramática era ensinada ou analisada em pequenas orações desassociadas do texto, como se fosse algo distinto à estrutura textual. Por outro lado, havia a ideia de que a aprendizagem gramatical favorecia a prática de boas produções textuais e leituras. Analisando essa metodologia de ensino e o discurso que justificava a importância da aprendizagem dos conceitos gramaticais entendemos que são contraditórios. Ainda sobre esse entendimento, Antunes (2014, p. 84) diz que “na vida real, ninguém anda por aí formando frases; ninguém fala ou escreve para treinar o uso de letras ou de acentos.”

Vejamos, se o texto é constituído de elementos gramaticais: morfológicos, sintáticos, fonéticos, lexicais e ortográficos, como é possível produzir um texto se os elementos que o constitui são estudados fora do dele?

De acordo com Antunes (2014), o estudo gramatical restrito às frases ou orações é insuficiente e não contribui para a aprendizagem da língua nem para a formação de leitores e produtores proficientes. A autora acrescenta que os efeitos da metodologia gramatical restrita à frase são diversos, e “o mais visível deles está no que essa escolha esconde ou não permite revelar quando os diferentes procedimentos e estratégias de composição dos textos.” (ANTUNES, 2014, p.81).

Nesse mesmo sentido, Antunes diz que as restrições impostas pelo limite das frases isoladas do texto se equilibram “pela circunstância de que não têm “circunstância”, pois se encontram descontextualizadas, isoladas de um contexto qualquer, que inclui interlocutores, intenções, pressupostos, modalidade de interação, por exemplo.” (ANTUNES, 2014, p.81).

Desse modo, entendemos com mais precisão quando Antunes diz que, o estudo da gramática isolada do texto é insuficiente para o entendimento de sua funcionalidade na construção ou na leitura do texto oral ou escrito. Isso porque a gramática se materializa dentro de um texto e “é no âmbito do texto que se mostra de fato, o que acontece no exercício da linguagem. O mais óbvio é que ninguém fala ou escreve – nada! – que não seja sob a forma de texto.” (ANTUNES, 2014, p. 85). Essa fala de Antunes reafirma as orientações dadas pelos PCN (BRASIL, 1998) de que o ensino da gramática deve estar voltado para o texto.

Como estratégia para desmistificar esse método que é insuficiente para o processo de ensino e aprendizagem, os PCN e a BNCC trazem o eixo da análise linguística. Segundo os PCN (BRASIL, 1998, p. 78) as críticas feitas ao ensino de língua portuguesa são dirigidas aos conteúdos de gramáticas, a consciência dos fenômenos enunciativos e à análise tipológica dos textos, o ensino mecânico desses itens transigiram uma visão muito mais “[...] funcional da língua, o que provocou alterações nas práticas escolares, representando, em alguns casos, o abandono do tratamento dos aspectos gramaticais e da reflexão sistemática sobre os aspectos discursivos do funcionamento da linguagem”. (BRASIL, 1998, p. 78).

No eixo da Análise Linguística/semiótica, objeto central deste trabalho, onde a chamaremos simplesmente de Análise Linguística, o ensino da gramática é realizado por estratégias analíticas dos aspectos linguísticos do texto, nos diferentes níveis (semântico, sintático, morfológico etc.). Segundo os PCN (BRASIL, 1998, p. 78) “quando se toma o texto como unidade de ensino, os aspectos a serem tematizados não se referem somente à dimensão gramatical.” Ou seja, não só sintaxe, escrita e leitura, mas também, a dimensão pragmática e semântica que aparecem simultaneamente nas práticas linguísticas textuais, uma dessas práticas é produção textual, seja ela escrita ou oral.

A Análise linguística é um eixo linguístico de trabalho com a língua que considera o sentido, os usos, a partir do gênero. Para Mendonça (2007, p. 95), o ensino do eixo da Análise Linguística é acompanhado dos outros eixos: leitura/escuta de textos e da produção de textos orais e escritos. Segundo a autora, a Análise Linguística “consiste num movimento de reflexão sobre o funcionamento da linguagem, que toma a produção de sentidos nos usos linguísticos como ponto essencial.” (MENDONÇA, 2007, p. 95).

Nesse mesmo viés de pensamento, Mendonça (2007, p. 96-97) enfatiza que o ensino da Análise Linguística concerne em modificar certas metodologias que ao longo do tempo não tiveram grandes êxitos,

[...]por exemplo, privilegia a produção em detrimento do reconhecimento e da reprodução de saberes; a expressão da subjetividade no lugar do silenciamento; o texto e não a frase como unidade básica do trabalho pedagógico; a linguagem como atividade e não como produto de tarefas, entre outros. (MENDONÇA, 2017, p. 96 -97)

O ensino da Análise Linguística deve se constituir a partir de práticas que utilizem os gêneros como suporte didático e metodológico, possibilitando o entendimento da função que ocupa cada palavra na construção do texto, dando aos estudantes condições de replicar esse conhecimento linguístico em outras práticas de uso da linguagem. Para que essas práticas se estabeleçam, “a alternativa mais pertinente seria integrar os três eixos básicos de ensino da língua – leitura, produção de textos e análise linguística – para se obter melhores resultados.” (MENDONÇA, 2007, p. 100).

Analisando essa discussão levantada até aqui sobre o ensino da Análise Linguística, principalmente nos apontamentos de Mendonça (2007), percebemos que esse ensino não deve só estar integrado à realidade linguística do aluno, contexto de uso ou cultural, mas, também, nos outros eixos da língua portuguesa, para que possa haver a compreensão ampla do gênero. Nessa mesma perspectiva, a BNCC afirma que:

O Eixo da Análise Linguística/Semiótica envolve os procedimentos e estratégias (meta)cognitivas de análise e avaliação consciente, durante os processos de leitura e de produção de textos (orais, escritos e multissemióticos), das materialidades dos textos, responsáveis por seus efeitos de sentido, seja no que se refere às formas de composição dos textos, determinadas pelos gêneros (orais, escritos e multissemióticos) e pela situação de produção, seja no que se refere aos estilos adotados nos textos, com forte impacto nos efeitos de sentido. (BRASIL, 2018, p. 80).

A partir do exposto, discutiremos a seguir como a análise linguística pode se materializar por meio do gênero textual.

3. Materialização da Análise linguística/Gênero textual

Para entendermos melhor essa materialização da linguagem por meio da Análise Linguística apresentaremos como essa integração ocorre. Para isso usaremos o gênero textual Crônica de viagem do tipo filosófico como exemplo para o ensino de língua portuguesa, isso porque acreditamos que os textos materializados em “situações comunicativas recorrentes” são elementos vivos que circulam dentro de uma esfera sociocomunicativa e que assumem características própria do meio de circulação, (MARCUSCHI, 2008, p.155).

Segundo Bakhtin (2016, p.11) os mais variados campos da atividade humana estão conectados ao uso da linguagem, assim “o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados orais e escritos concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana.”. O teórico ainda acrescenta que


Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, e acima de tudo, por sua construção composicional (BAKHTIN, 2016, p.11)

Para visualizar melhor essa materialização da língua por meio da Análise Linguística, analisaremos um texto do gênero Crônica, publicado por Moacir Junior em sua conta pessoal da rede social *Facebook* em 16 de janeiro de 2019.

Antes de adentrarmos ao texto, vale ressaltar que o gênero crônica é um tipo de texto que está entre o estilo jornalístico e o literário, é chamado assim por ter textos curtos, de linguagem simples e que retrata os aspectos da vida cotidiana, geralmente com toques de humor ou ironia. Os tipos de crônicas são: Crônica descritiva, narrativa, dissertativa, humorística, lírica, poética, narrativo-descritiva, jornalística, histórica e filosófica (OSHIO, 2020).

A crônica que será apresentada tem como título “Malásia: Parte IV”, de acordo com o título entendemos que foram escritos, anteriormente, outros textos com a mesma temática. Mesmo se referindo a uma viagem, ela não tem características narrativas, mas um viés filosófico, pois o autor faz uma reflexão incisiva e subjetiva sobre moradia.

A seguir, apresentamos a crônica mencionada.

 **Moacir Junior** 16 de jan de 2019 · 🌐

Malásia: Parte IV
Home is where the heart is



Para toda e qualquer pessoa que seja do tipo que gosta de ter uma casa, toda organizada, com suas coisas (no meu caso, caoticamente) no lugar, chega um ponto da viagem em que aperta a vontade de ir para casa. “Home is where the heart is”, diz a letra de Walk on, do U2. Mas me digam onde é que está o coração!

A resposta é bem simples. O coração está dentro de você. Você é sua própria casa. Respira fundo, observa, viaja para dentro de você e encontra o equilíbrio.




Viajar é um pouco disso, um tal de descobrir o mundo enquanto você descobre a si mesmo. E vai se conhecendo em cada foto, que com o passar do tempo nem é mais tirada. “A foto não captura a beleza do instante”, disse Raíra Costa. A verdade é que a beleza do instante está na forma como o coração da gente permite que a gente veja. Somos pessoas.

Pessoas são pessoas em qualquer lugar do mundo. Pessoas comem na cozinha de casa ou na varanda de um restaurante cujo sabor faz você lembrar de casa mesmo estando do outro lado do mundo. Pessoas...

Nós somos quem somos, nós sentimos falta do que não temos, imagine só do que temos. Felicidade é saber que muito, quase tudo, estará no mesmo lugar quando voltarmos. A única coisa que terá mudado é a nossa casa, onde o coração verdadeiramente está.

  40

5 comentários · 1 compartilhamento

 Curtir  Comentar  Compartilhar

Observando esse gênero, entendemos que cada gênero textual tem uma característica específica, e essas características levam o autor a fazer escolhas linguísticas, nos diferentes níveis linguísticos (sintático, semântico, morfológico) que se tornam inerentes ao gênero textual. No caso da crônica destacada, o autor busca por meio de uma linguagem simples, em frases predominantemente curtas, atender à característica objetiva do gênero.

Segundo a BNCC (BRASIL, 2018, p. 80), “no que tange ao estilo, serão levadas em conta as escolhas de léxico e de variedade linguística ou estilização e alguns mecanismos sintáticos e morfológicos, de acordo com a situação de produção, a forma e o estilo de gênero.”. Desse modo, percebemos que as escolhas lexicais que o autor fez ao produzir seu texto do gênero crônica de viagem do tipo filosófica, remetem a adjetivos e substantivos que parecem apontar semanticamente para a reflexão sobre a temática “moradia”.

Percebe-se, também, que o autor teve condições prévias para a produção do texto, não só as vivências da viagem à Malásia, mas conhecimentos linguísticos que lhe deram suporte linguístico para ser preciso e perspicaz na intencionalidade do texto, nesse caso, como o texto foi postado em uma rede social, a intencionalidade não era somente emitir uma enunciação, mas atingir o maior número de amigos virtuais leitores que o seguem no *Facebook*, desse modo espera-se uma interação por meio dos *likes* e comentários. Para

evidenciar essa fala fomos até rede social onde foi postado o texto e buscamos indícios de interação com os leitores.



Tendo consciência da importância do texto para o processo de ensino e aprendizagem da Análise Linguística, que, por sua vez, se relaciona aos demais eixos de ensino: leitura, oralidade e produção textual, é necessário oferecer para os alunos condições de aprendizagem que sejam fruto de práticas de análise linguística. Pensando nisso, apresentaremos a seguir uma proposta de trabalho com ensino da Análise Linguística, centrada no gênero crônica de viagem do tipo filosófico, permitindo aos estudantes conhecer os recursos lexicais para produzir o gênero em estudo (adjetivos, substantivos e pronomes), refletir sobre a temática por meio da leitura e oralidade, para que ao final tenham argumentos e conhecimento suficiente para produção do gênero crônica de viagem do tipo filosófico.

4. Uma proposta de trabalho com ensino da Análise Linguística

Com base nas discussões levantadas neste trabalho, vimos que os documentos parametrizadores, não deixam claro como o professor de língua portuguesa deve agir metodologicamente e didaticamente para alcançar as competência e habilidades propostas

para os quatros eixos da língua portuguesa, principalmente a Análise Linguística, dando essencialmente orientações teóricas sobre essa prática de ensino.

Desse modo acreditamos que não há uma regra ou métrica para a aprendizagem da Análise Linguística, até mesmo porque as salas de aulas são homogêneas, e cada sujeito tem sua identidade linguística caracterizada pelo meio social, cultural e econômico.

Assim sendo, cabe ao professor de língua portuguesa identificar as especificidades linguísticas dos alunos e contextualizá-la ao processo de ensino e aprendizagem, desfazendo-se de métodos ineficazes, para trazer novas concepções metodológicas que permitam ao aluno alcançar a proficiência na leitura e na escrita. Consoante a essa fala os PCN (1998, p. 47) dizem que o professor é de suma importância para o processo de ensino aprendizagem:

A mediação do professor, nesse sentido, cumpre o papel fundamental de organizar ações que possibilitem aos alunos o contato crítico e reflexivo com o diferente e o desvelamento dos implícitos das práticas de linguagem, inclusive sobre aspectos não percebidos inicialmente pelo grupo intenções, valores, preconceitos que veicula, explicitação de mecanismos de desqualificação de posições articulados ao conhecimento dos recursos discursivos e lingüísticos. (BRASIL, 1998. p. 48).

Sabendo da importância da mediação do professor, nessa seção apresentaremos uma proposta de trabalho com a Análise linguística tendo como elemento central o gênero textual, objetivando o ensino de língua de modo significativo, usando uma abordagem contextualizada a partir da relação da análise linguística com os outros eixos de ensino da língua portuguesa.

Essa proposta será distribuída em uma sequência de aulas contendo cinco aulas para o nono ano do ensino fundamental, mas com a possibilidade de adequação para o ensino médio. Escolhemos como elemento central o gênero crônica de viagem “Malásia: Parte IV”, já situado em seção anterior deste trabalho.

Nesta proposta buscaremos ilustrar um trabalho com Análise Linguística para as aulas de língua portuguesa, contextualizando-a com as discussões teóricas feitas ao longo deste trabalho. Para os procedimentos metodológicos buscaremos representar a integração dos eixos linguísticos para obter uma boa e significativa aprendizagem da Análise Linguística, como orienta Mendonça.

- a AL realizada a partir da leitura/escuta de textos, buscando-se refletir sobre como a escolha de certas palavras, expressões ou construções lingüísticas

contribuem para a construção de sentidos de cada texto; seria avaliado o grau de elaboração dessa reflexão, ao longo dos anos escolares, de forma recorrente e numa dimensão processual;

- a AL realizada a partir da produção de textos, buscando-se refletir sobre aspectos da elaboração do texto escrito ou oral, tais como adequação do gênero à situação comunicativa, critérios de textualidade (coesão, coerência), seleção de registro (formal, informal, semiformal, etc.), atendimento à norma-padrão, etc.; seriam avaliados, por meio de revisão e reescrita, por exemplo, os aspectos de que o aluno já tenha se apropriado, seja no âmbito discursivo, textual ou lingüístico, incluídas as questões normativas;

- a AL realizada a respeito de certo tópico, dentre os conhecimentos lingüísticos a serem trabalhados na escola, buscando-se a compreensão do seu funcionamento no âmbito da língua (ex.: formação de palavras); essas capacidades contribuiriam, em última análise, para a ampla formação lingüística dos alunos; a avaliação focalizaria a capacidade de refletir sobre os fenômenos e de explicitar essa reflexão. (MENDONÇA, 2007, p.100-101).

Para atender e demonstrar a dinâmica de integração proposta por Mendonça (2007), e seguindo as orientações dos PCN (BRASIL, 1998) e da BNCC (BRASIL, 2018), propomos uma sequência de aulas baseada no modelo trabalhado na disciplina de Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa (MELP), ministrada pelo professor José Moacir Soares da Costa Filho, no curso de Licenciatura em Letras a Distância do Instituto Federal da Paraíba – IFPB. Esse modelo parte das concepções de sequência didática de Dolz; Noverraz e Schneuwly, que dizem que uma sequência didática é “conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p.82), no entanto, enfatiza a integração dos eixos no trabalho com um gênero textual.

Para que as aulas sejam mais objetivas e precisas seguiremos, também, as sugestões dadas pelo professor da disciplina mencionada, precisamente na aula da semana 07 do período 2020.1, quando cursamos a referida disciplina do quinto período da matriz curricular do curso de Letras a Distância – IFPB.

Sugestões de trabalho com análise lingüística

- Trabalhar com diferentes gêneros textuais, orais e escritos, com diferentes graus de formalidade;
- Destacar o contexto de uso, mostrando aos alunos que determinados usos são inadequados em um contexto (gênero), mas que são possíveis em outros.
- Não pedir que o aluno reescreva passando para a norma culta os textos que apresentem variação lingüística, pois isso é tomar como erro qualquer variação.
- Os alunos devem sim reescrever quando o uso estiver inadequado ao gênero (na situação de produção de texto, por exemplo, após a análise do professor).
- Desde a atividade de leitura, a análise lingüística já deve estar presente, pois também é chave para a compreensão do gênero textual (o processo de análise lingüística pode estar presente na realização da predição e no trabalho com a seleção de ideias).

Tendo como base esse suporte metodológico, as aulas da sequência a seguir foram planejadas em torno do gênero crônica de viagem do tipo filosófico, objetivando o ensino produtivo pautado no texto materializado no gênero, que é, por sua vez, uma forma de agir.

Como já foi dito, a sequência de cinco aulas engloba os quatro eixos do ensino de língua portuguesa, em especial a análise linguística. Optamos por apresentar aula a aula, destacando os eixos trabalhados, o conteúdo de análise linguística, os procedimentos metodológicos e, por fim, uma atividade de verificação da aprendizagem para cada aula.

Vale lembrar que essa proposta não é algo pronto ou engessado, mas representa uma possibilidade de ensino, cabendo ao professor adequá-las às especificidades da sua turma e as suas possibilidades de planejamento.

4.1 Sequência de aulas

4.1.1 Primeira aula

Eixos trabalhados: Análise linguística, Oralidade e Leitura

Conteúdo: Gênero textual Crônica; compreensão, interpretação e análise textual

Procedimentos metodológicos

Inicialmente será promovida uma roda de conversa solicitando à turma que se lembrem alguma viagem feita por eles que tenha marcado a sua vida e deixou um significado importante que não conseguiu esquecer. Após esse momento, o professor lançará perguntas explorando os motivos que os levaram à escolha da viagem para ser compartilhada com o restante turma:

- Qual foi o motivo da escolha do local dessa viagem?
- Quem foram seus acompanhantes?
- O que houve de tão especial nessa viagem?
- Quais foram as experiências adquiridas durante a viagem?

Na sequência o professor entregará o texto “Malásia: Parte IV/Home is where the heart is”, do gênero crônica, já destacado neste trabalho.

Para que os alunos recepcionem e acolham bem o texto, propomos, antes da leitura do texto, a exploração do título por meio de indagações criando uma expectativa sobre a temática do texto. Assim, ao entregar o texto para os alunos o professor solicitará que os alunos leiam, inicialmente, apenas o título.

- Qual foi a impressão que vocês tiveram ao ler o título do texto?
- Dá para prever qual será a temática dele?
- Ao ler o título, vocês perceberam alguma relação com a conversa inicial que tivemos nessa aula?
- Vocês sabem a que se refere a palavra “Malásia”?
- O que a expressão “parte IV” dá a entender?
- Alguém sabe conhece/sabe o significado da parte do subtítulo escrita em inglês? Vocês já ouviram ou leram essa expressão em algum outro texto?
- Qual a relação que podemos estabelecer entre a parte em português “Malásia: Parte IV” e a parte em inglês “Home is where the heart is”?

Em seguida, o professor solicitará a leitura silenciosa da crônica, e, à medida que os estudantes forem lendo, eles deverão destacar no texto elementos que chamem a sua atenção e também anotar sua impressão do texto, observando as expectativas criadas quando foi feita a exploração do título.

Após a leitura, o professor voltará à roda de conversa para que os alunos exponham as suas impressões sobre o texto, falando se há algo em comum com a viagem feita por eles e reflitam sobre a temática, enfatizando o conceito de casa, moradia e lar, levando os alunos a voltarem ao texto para que encontrem a parte do texto em que o tema fica em evidência e as partes em que o autor menciona a palavra “casa”. Durante esse momento da aula, o professor também pode explorar o sentido da palavra “casa” dentro do texto e se a compreensão do texto faz sentido com a realidade deles (alunos). Sugerimos isso porque alguns alunos precisam fazer uma relação dos conteúdos curriculares da escola com a realidade social em que estão inseridos para que haja aprendizagem.

Ao término da conversa, o professor solicitará aos alunos que falem as características desse texto, se já leram textos com essas características (onde e quando) e se eles sabem qual nome recebe esse gênero. Conforme a resposta obtida, o professor explicará o conceito do gênero crônica, apresentará os tipos de crônicas, suas características e sua funcionalidade, porém enfatizando o gênero crônica de viagem e filosófica, formato no qual melhor se enquadra o texto explorado na aula.

Antecipando uma possível dificuldade na identificação do gênero, o que pode levar os alunos a identificar o texto como um relato de viagem, nesse momento, o professor também poderá abordar as características do gênero relato de viagem, permitindo que os alunos consigam perceber as semelhanças e as diferenças entre os dois gêneros.

Para que essa intervenção seja mais precisa e dinâmica sugerimos que o professor produza um quadro ilustrativo em que fique clara a diferença entre os gêneros crônica e relato de viagem, propiciando mais clareza na aprendizagem dos alunos e ainda novas possibilidades metodológicas para as próximas aulas.

Características	
Crônica de viagem (filosófica)	Relato de viagem
<ul style="list-style-type: none"> • Textos curtos; • Linguagem clara, simples e objetiva; • Uso de humor e ironia para reportar; • Aborda o cotidiano das pessoas e das cidades; • Narra situações banais sob uma ótica particular e criativa; • Marcas claras de humor; • Linguagem coloquial; • Leveza na linguagem. 	<ul style="list-style-type: none"> • Relato pessoal: o texto está escrito em 1ª pessoa; • Linguagem informal: a linguagem usada é objetiva e clara; • Presença de cronologia: apresenta marcadores precisos de tempo e lugar; • Começo, meio e fim: descreve com precisão cenas, lugares e pessoas.

Após esse momento, o professor fará uma síntese (resumo) da aula, buscando sanar alguma dúvida que ainda haja sobre o conceito de crônica, a diferença entre crônica e relato de viagem, tipos de crônica, ou até sobre a compreensão e interpretação da crônica “Malásia: Parte IV/Home is where the heart is”.

Atividade de verificação de aprendizagem

Identificar no texto trabalhado em sala elementos e características que o classificam como gênero crônica, em seguida, descrevê-los usando parte do próprio texto para exemplificar as características do gênero crônica e depois explicar porque esse gênero é nomeado como gênero crônica de viagem, trazendo, também, parte do texto que ilustra a reflexão que o caracteriza como filosófica.

3.1.2 Segunda aula

Eixos trabalhados: Análise linguística, Oralidade e Leitura.

Conteúdos: Gênero textual Crônica; emprego de substantivos, adjetivos e pronomes.

Procedimento metodológico

Na segunda aula voltaremos a explorar o texto da aula 1 “Malásia: Parte IV/Home is where the heart is”, para analisar as palavras que expressam funcionam sintaticamente como qualificadores, atribuindo características aos substantivos dentro texto, discutindo o uso e a função de cada palavra (no texto em estudo, especificamente pronomes, substantivos e adjetivos) identificada dentro texto e o sentido que elas dão ao texto.

Na sequência o professor dividirá os alunos em grupos para que possam analisar com mais precisão a crônica. A análise deve ser direcionada a partir das características do próprio gênero, conforme os seguintes itens: i) uma linguagem simples (informal); ii) um aspecto da vida cotidiana; iii) tom reflexivo; e iv) os personagens (poucos ou nenhum). Os alunos deverão identificar elementos (palavras, expressões, frases) que correspondam às características do gênero listadas anteriormente. À medida que a análise for ocorrendo, os alunos deverão fazer o registro dentro ou ao lado do texto destacando os elementos que representam as características de (i) a (iv). Após a identificação, os alunos devem refletir sobre a função desses elementos dentro do texto. Ao final, o professor solicitará a exposição da análise feita para os demais grupos.

Propomos essa intervenção em grupo para explorar os conhecimentos prévios dos alunos porque, provavelmente, durante a discussão realizada após a análise do texto, alguns alunos podem ter explicado que a linguagem simples e o aspecto da vida cotidiana estão presentes no texto por meio das palavras que atribuem uma característica da viagem feita à Malásia, e ainda que o tom reflexivo acontece em volta das palavras que nomeiam os elementos concretos e abstratos usados pelo autor e que as personagens aparecem implicitamente dentro do texto por meio dos pronomes “a gente” e “nós”. Durante todo o procedimento, o professor deve acompanhar o desenvolvimento dos grupos.

Em seguida, o professor explicará de modo breve o conceito de adjetivo, substantivo e pronome, os itens que provavelmente serão apontados pelos alunos. A exposição em forma de retomada acontecerá porque a sequência foi elaborada para uma turma de nono ano e, do ponto de vista do conteúdo linguístico, espera-se que os elementos estudados não sejam desconhecidos pelos estudantes.

Para sistematizar a análise, o professor poderá encerrar o procedimento fazendo um levantamento de informações lexicais, por meio das seguintes indagações:

- Quais são as palavras que representam uma linguagem simples (informal) ou um aspecto da vida cotidiana?

- De acordo com seu conhecimento prévio e com as informações dadas nesta aula sobre adjetivos e substantivos, as palavras que representam uma linguagem simples (informal) ou um aspecto da vida cotidiana podem ser classificadas como adjetivos ou substantivos?
- A temática desse gênero “moradia, casa, lar” é retomada por meio de adjetivos ou substantivos?
- Quais são os pronomes presentes no texto? Eles têm o mesmo significado? Qual a função que eles exercem no texto?
- Vocês percebem coerência entre as características do gênero crônica e a escolha lexical (dos pronomes, dos adjetivos e dos substantivos) feita pelo autor?
- Vocês notam de que modo a escolha lexical feita pelo autor contribui para a temática do texto?

Diante dessas indagações os alunos perceberão e entenderão que as palavras, em especial substantivos, adjetivos e pronomes, não foram escolhidas à toa na produção desse gênero textual, permitindo que os alunos comecem a perceber, no momento de suas próprias produções textuais, a importância de observar a relação entre os elementos que inserem no texto com a função e o sentido que querem expressar.

Atividade de verificação de aprendizagem

Após o procedimento de análise, os alunos realizarão um estudo dirigido respondendo às seguintes indagações:

- a) Diante do que foi discutido durante essa aula, explique qual a funcionalidade das palavras em destaques:



Moacir Junior

16 de jan de 2019 • 🌐

Malásia: Parte IV
Home is where the heart is

Para toda e qualquer pessoa que seja do tipo que gosta de ter uma casa , toda organizada , com suas coisas (no meu caso, caoticamente) no lugar, chega um ponto da viagem em que aperta a vontade de ir para casa.

"Home is where the heart is", diz a letra de Walk on, do U2. Mas me digam onde é que está o coração!

A resposta é bem simples . O coração está dentro de você. Você é sua própria casa . Respira fundo, observa, viaja para dentro de você e encontra o equilíbrio.

Viajar é um pouco disso, um tal de descobrir o mundo enquanto você descobre a si mesmo. E vai se conhecendo em cada foto, que com o passar do tempo nem é mais tirada. "A foto não captura a beleza do instante", disse Raíra Costa. A verdade é que a beleza do instante está na forma como o coração da gente permite que a gente veja. Somos pessoas.

Pessoas são pessoas em qualquer lugar do mundo. Pessoas comem na cozinha de casa ou na varanda de um restaurante cujo sabor faz você lembrar de casa mesmo estando do outro lado do mundo. Pessoas...

Nós somos quem somos, nós sentimos falta do que não temos, imagine só do que temos. Felicidade é saber que muito, quase tudo, estará no mesmo lugar quando voltarmos. A única coisa que terá mudado é a nossa casa, onde o coração verdadeiramente está.

👍❤️ 40

5 comentários • 1 compartilhamento



Curtir



Comentar



Compartilhar

b) Explique a relação entre as palavras destacadas, a temática e o sentido do texto, buscando justificar a escolha lexical do autor.

c) Após compreender o sentido dos pronomes, dos substantivos e dos adjetivos, reflita por que o autor desse texto empregou-os de forma simples e objetiva.

d) Qual é a finalidade dos substantivos e adjetivos dentro desse texto em estudo?

Ao término da atividade, o professor deverá propor aos alunos que troquem as atividades, uns com os outros, para que os colegas possam ler sua atividade e ver no que pode melhorar nas respostas dadas no estudo dirigido. Em seguida, sugerir que comparem as atividades para que possam chegar a um senso comum.

3.1.3 Terceira aula

Eixos trabalhados: Análise Linguística, Oralidade, Leitura e Produção textual.

Conteúdo: Gênero textual Crônica e relato de viagem

Procedimento metodológico

Nesse dia o professor deve iniciar a aula com uma roda de conversa discutindo as informações registradas na atividade solicitada na aula anterior por meio da atividade de

verificação de aprendizagem. Após isso, o professor revisará as características do gênero crônica de viagem, os tipos de crônicas e os elementos constituintes de uma crônica. Para que os alunos confrontem os conceitos e consolidem o que estudaram sobre a crônica, propomos que o professor permita que eles tenham contato com outros textos dessa mesma natureza.

Como texto estudado nas aulas, “Malásia: Parte IV/Home is where the heart is”, vem de uma coletânea composta por seis textos postados na rede social *Facebook* e são fruto de uma viagem que o autor fez à Malásia, sugerimos o seguinte procedimento em cinco grupos: 1) Solicitar que os alunos façam uma visita à rede social Facebook do autor; 2) Direcionar os alunos para que leiam e observem os outros textos que antecedem e sucedem o texto em estudo; 3) Pedir que os alunos identifiquem quais dos outros cinco textos também são classificados como crônica; 4) Como dentre os seis textos da coletânea, apenas três são crônicas, indicar essa informação aos alunos e pedir que eles classifiquem os outros três quanto ao gênero; 5) Solicitar que os alunos expliquem o que há em comum em todos os textos, por que o autor usou imagens na postagem de alguns textos, se as temáticas são iguais e por que ele usou dois gêneros textuais para expressar suas vivências na viagem a Malásia; 6) Por fim, pedir que os alunos apontem nos textos (com exceção do texto que já foi trabalhado nas aulas anteriores) seus elementos constituintes. Caso os alunos tenham dúvida na diferenciação entre os gêneros textuais, o professor deverá voltar ao quadro ilustrativo exposto na primeira aula. Sabemos que para a realização de um procedimento dessa natureza, que envolve pesquisa, o professor necessita de um tempo significativo, desse modo, se o tempo disponível para a aula não for suficiente, o professor disponibilizará todo tempo da aula para realização da pesquisa e as demais intervenções podem ser deixadas para as próximas aulas que sucederão esse momento.

Dando sequência à atividade anterior, o professor organizará os grupos para que exponham as informações colhidas na pesquisa. Para que as falas não fiquem repetitivas, a cada grupo ele poderá destinar um texto, entretanto, deixando a turma livre para fazer alguma intervenção caso seja necessário, acrescentando informações novas que não foram ditas pelo grupo que está se apresentado. Nesse momento, o professor deverá dar bastante ênfase aos elementos constituintes que caracterizam os textos no gênero, além de incentivá-los a observar os usos de substantivos, adjetivos e pronomes, assunto explorado na aula anterior.

Atividade de verificação de aprendizagem

Os alunos deverão pensar sobre um fato que tenha acontecido com eles (pode ser uma viagem, um evento familiar ou na escola etc.) para que, a partir desse fato, produzam uma crônica do tipo filosófica com a temática de sua preferência usando os elementos constituintes que caracterizam esse gênero. Após a produção, os alunos deverão fazer a leitura para turma, em um momento de deleite.

Observação: As produções deverão ser entregues ao professor para a avaliação e, a depender do número de alunos na turma, o procedimento pode ser adaptado para que o professor tenha tempo suficiente para fazer a entrega dos textos corrigidos.

3.1.4 Quarta aula

Eixos trabalhados: Produção de texto, Análise linguística, Oralidade e leitura.

Conteúdo: Gênero textual Crônica, Pronome, Substantivo e Adjetivo

Procedimento metodológico

Nesse dia, a aula iniciará com a devolução dos textos avaliados produzidos na aula anterior, e, caso seja necessário, será solicitado aos alunos que reescrevam o texto corrigindo possíveis inadequações desde o aspecto de composição do gênero até os usos linguísticos. O professor pode retomar de forma breve alguns aspectos que se destaquem dentre os que precisam ser melhorados nos textos, como forma de mediar a atividade de reescrita.

Após o momento de reescrita e analisados novamente os textos, o professor solicitará que a turma forme duplas para:

- Ler o texto o parceiro da dupla;
- Verificar a presença dos elementos que caracterizam a crônica;
- Observar as escolhas lexicais, especialmente os adjetivos, substantivos e pronomes;
- Certificar-se de que a temática abordada torna a crônica um texto reflexivo;

Na sequência o professor fará uma roda de conversa para retomar o emprego dos adjetivos, substantivos e pronomes, permitindo que os alunos percebam a importância desses elementos para a construção do sentido do texto. Para direcionar o procedimento de análise linguística, o professor pode lançar indagações como:

- a) Quais foram os substantivos, adjetivos e pronomes usados nesse texto?
- b) Qual a função desses substantivos, adjetivos e pronomes no texto?
- c) Como os adjetivos revelam as impressões do autor? Se mudássemos os adjetivos, o texto teria o mesmo sentido?

Atividade de verificação de aprendizagem

Em seguida será proposta aos alunos a publicação das suas produções na sua rede social *Facebook*. Para isso será solicitado aos alunos que digitem as crônicas produzidas e reescritas em sala de aula, e, em seguida, postem em sua rede social marcando a página do *Facebook* da escola onde eles estudam.

3.1.5 Quinta aula

Eixos trabalhados: Produção de texto, Análise linguística, Oralidade e leitura.

Conteúdo: Gênero textual Crônica.

Procedimento metodológico

Começaremos a aula comentando o que foi estudado ao longo das quatro aulas, desfazendo algumas dúvidas ou mau entendimentos.

Em seguida os alunos serão conduzidos até o laboratório de informática da escola, onde eles acessarão sua conta no Facebook. Na sequência deverão interagir por meios dos recursos oferecidos pela página dessa rede social (comentar, compartilhar e curtir) com os demais colegas na postagem solicitada na aula anterior, publicação da crônica produzida na aula. Nos comentários os alunos deverão fazer apontamentos ou indagações ao autor sobre a experiência que eles destacaram para produzir a crônica, estabelecendo um “diálogo” por meio dos comentários. Para que os alunos fiquem cientes de que essa proposta é uma atividade importante para a aprendizagem, o professor deverá, também, interagir nos comentários, curtindo os comentários significantes e compartilhando as publicações dos seus alunos, porém de maneira interativa e descontraída, para não constranger os alunos em sua página social, da mesma forma ele deverá orientar os alunos quando forem publicar comentários na rede social dos colegas.

Para dar mais engajamento a essa atividade, após esse momento, o professor unirá todos *posts* feitos pelos alunos com suas crônicas e publicará na página oficial da escola para que a família, colegas e professores possam escolher a melhor crônica. Enquanto isso, os alunos deverão fazer campanhas para divulgar o seu texto, solicitando a curtida (*like*) do seu texto.

No período de uma semana será divulgado o ganhador, isto é, o texto que tiver mais visualizações e curtidas.

Observação: caso não seja possível realizar a atividade no laboratório de informática, o professor pode solicitar que os alunos utilizem seus celulares para o acesso ao Facebook.

Atividade de verificação de aprendizagem

O acompanhamento da atividade ocorrerá de forma on-line, por meio da interação virtual quando os alunos fizerem comentários na postagem da crônica dos colegas.

Concluída a apresentação da sequência de aulas, a seguir discutiremos brevemente como a análise linguística esteve presente nas aulas.

5 A análise linguística por entre aulas: onde e como apareceu

De acordo com Mendonça (2007) o trabalho com análise linguística não ocorrer de forma isolada, para compreendê-la é necessário ter a materialização da língua que é o texto, nesse caso o gênero textual, a oralização por meio da leitura e das discussões e a prática da aprendizagem que é a produção textual.

Assim, mesmo que registremos a análise linguística como objetivo e conteúdo da aula, estaremos de forma direta e indireta trabalhando-a conectada aos outros eixos da BNCC (oralidade, leitura e produção textual). Vale salientar que isso não significa, necessariamente, que a Análise Linguística esteja sempre em evidência ou explícita durante as aulas, pois a aprendizagem dela pode ocorrer pedagogicamente de forma implícita durante aula em que os alunos são motivados a refletir e analisar semanticamente, sintaticamente e morfológicamente o uso da linguagem, por meio de procedimentos metodológicos variados, como roda de conversa, leitura e compreensão textual individual ou em grupo, etc.

Refletindo sobre como a análise linguística foi trabalhada nas aulas apresentadas na seção anterior, vemos que na primeira aula propusemos roda de conversa, leitura e exploração do gênero crônica por meio de inferências, análise das características do gênero, compreensão e interpretação do gênero. Ao observar os procedimentos didáticos usados na aula não identificamos a Análise Linguística explicitamente, só a oralidade e a leitura. A análise linguística aparece de forma implícita nas intervenções usadas na aula, integrada aos outros eixos linguísticos, para que os alunos consigam compreender como o gênero em estudo se configura. Além disso, ao utilizarmos as estratégias de predição e inferência, especialmente a partir da leitura e análise do título do texto, permitimos que os alunos

também vivenciassem uma prática de análise de material linguístico, de modo contextualizado, para dar sentido à atividade do eixo de leitura.

Na segunda aula, demos sequência ao trabalho com o gênero textual, porém, explorando as escolhas lexicais, especialmente no que se refere aos substantivos, adjetivos e pronomes, refletindo como esses elementos contribuem para o sentido do texto, e como essas escolhas contribuem para caracterizar o texto. Assim, a análise linguística na segunda aula foi estudada por meio da reflexão sobre os usos lexicais no texto lido, as articulações lexicais utilizadas pelo autor para caracterizar o gênero como crônica e a importância desses usos para a manutenção da temática da crônica.

Após oferecer possibilidades pedagógicas para adquirir competências e habilidades que norteiam a análise linguística de acordo com a BNCC (BRASIL, 2018), na primeira e segunda aula, na terceira aula a análise linguística aconteceu em torno do eixo da produção textual. Com mais autonomia sobre as articulações linguísticas que devem ser feitas antes da produção textual para atender ao formato do gênero e à temática abordada, foi proposta aos alunos a materialização dessa aprendizagem por meio da produção de um texto do gênero crônica, apresentado uma temática reflexiva, concretizando, consolidando a compreensão do gênero e de sua característica.

Na quarta aula a análise linguística esteve centrada na avaliação das produções dos alunos a partir do que fora estudado sobre o gênero e sobre a importância das escolhas lexicais e dos elementos constituintes do gênero crônica, reescrevendo o texto produzido na aula anterior. Desse modo, atendemos às perspectivas dos PCN (BRASIL, 1998, p. 80) que afirma que:

Um dos aspectos fundamentais da prática de análise linguística é a refacção dos textos produzidos pelos alunos. Tomando como ponto de partida o texto produzido pelo aluno, o professor pode trabalhar tanto os aspectos relacionados às características estruturais dos diversos tipos textuais como também os aspectos gramaticais que possam instrumentalizar o aluno no domínio da modalidade escrita da língua. (BRASIL, 1998, p. 80).

Mesmo centrada na produção textual, a análise linguística foi estudada por meio da oralidade e da leitura durante a reescrita, por meio de procedimentos metodológicos variados, o que nos permite perceber também a presença dos demais eixos de ensino de língua portuguesa.

Na quinta aula a análise linguística ocorreu, principalmente, nas interações on-line na página do *Facebook*, quando os alunos interagiram por meio de postagens e comentários nas publicações dos colegas usando elementos linguísticos para fazerem apontamentos, questionamentos e observações sobre os textos que foram produzidos e postados na aula anterior.

Considerações Finais

Dado o exposto, considerando os documentos que orienta o ensino de língua portuguesa, principalmente a BNCC (BRASIL, 2018), e em toda base teórica que sustenta esse trabalho, em especial Mendonça (2007), no tocante ao eixo de ensino de análise linguística da língua portuguesa, buscamos apresentar uma sequência de aulas em um formato que surge do modelo de sequência didática de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). Entretanto, nossa sequência de aulas envolve a análise linguística em diálogo com os demais eixos trazidos pela BNCC (BRASIL, 2018), visto que para se concretizar uma aprendizagem significativa, os quatro eixos precisam ser trabalhados conjuntamente e articulados uns aos outros.

Por meio deste artigo, tratamos da importância do trabalho com os eixos de ensino da língua portuguesa, em especial o eixo da Análise Linguística. Nas discussões levantadas, nas seções, enfatizamos que é necessário trabalhá-lo articuladamente com os demais eixos por meio de uma abordagem contextualizada a partir de variados gêneros de texto. Essa forma de abordar a análise linguística surge, portanto, como uma das possibilidades para desconstruir as práticas tradicionais de ensino feito por meio de fragmentos do texto, palavras ou frases isoladas, em outras palavras, um ensino descontextualizado do texto como afirma Antunes (2014), e que não contribui para o desenvolvimento das habilidades e competências propostas pela BNCC (BRASIL, 2018), para que os alunos alcancem um bom nível de leitura e escrita.

Entretanto, observamos também que nos documentos normativos, a exemplo da BNCC (BRASIL, 2018), não é claro, pelo menos do ponto de vista metodológico e prático, como a análise linguística pode acontecer na prática da sala de aula, o que pode dificultar o planejamento do professor, para que isso não ocorra é necessário mais orientações metodológicas e práticas para que os professores de língua portuguesa possam compreender

e interpretar melhor as orientações dadas pelos documentos parametrizadores, e assim, melhorem suas metodologias.

Nesse sentido, destacamos como procedimentos de análise linguística que englobam, por exemplo, estratégias de leitura, análise dos usos linguísticos no texto (nos níveis semântico, sintático, morfológico e pragmático), bem como atividades de produção textual nas quais os alunos reflitam sobre os usos que fazem em seus próprios textos. Vale destacar que todas essas condições de aprendizagem devem ser oferecidas articuladas ao gênero textual, isso porque, ele é a prova da materialização da língua.

Desse modo, esse trabalho propôs um trabalho pedagógico com foco na Análise Linguística usando o gênero textual crônica como recurso principal da aprendizagem integrando os eixos do ensino de língua portuguesa, refletindo e apresentando condições de aprendizagem por meio de uma sequência de aulas objetivando a aprendizagem da Análise Linguística.

Assim, mesmo sabendo que a BNCC (BRASIL, 2018) não deixa claro com o professor deve proceder para que as habilidades e competências da Análise linguística sejam alcançadas pelos alunos, ou seja, quais são as condições que o professor deve oferecer aos alunos para desenvolver a aprendizagem do eixo da Análise Linguística, percebemos que é possível elaborar estratégias de aprendizagem por meio das orientações do documento, conforme apresentamos na sequência de aulas.

Ao propormos um trabalho com Análise Linguística, evidenciamos e apontamos como tal eixo apresentou-se em cada aula, evidenciamos sua importância no ensino de Língua Portuguesa e destacamos que sua aprendizagem ocorre simultaneamente com os outros eixos, oralidade, leitura e produção textual, como afirma Mendonça (2007) e situa a BNCC (BRASIL,2018).

Diante das discussões levantadas em todas as seções, destacamos a importância e a relevância desse trabalho para o ensino de língua portuguesa para os dias atuais, principalmente para os professores recém-formados e veteranos compreenderem as concepções que norteiam o ensino da Análise Linguística, e para que possam desmistificar métodos ineficazes, entendendo o quanto é essencial sua aprendizagem para que os alunos tenham uma boa proficiência de leitura e escrita.

Ressaltamos, também, a importância desse trabalho para o processo de formação dos graduandos em Letras de Língua Portuguesa, de modo que os orienta para que não reproduzam concepções metodológicas descontextualizadas do texto, já que muitos, quando cursaram a Educação Básica, estudaram língua portuguesa por meio de um ensino tradicional de forma mecânica e abstrata, com o ensino da Análise Linguística descontextualizado do texto.

Destacamos, por fim, que a necessidade de reflexão sobre a análise linguística e, especialmente, sobre como aplicá-la na sala de aula, está longe de se esgotar e que, a sequência de aulas apresentada neste trabalho ilustra apenas um exemplo, que pode, inclusive, ser adaptado para outros gêneros e formatos de ensino, conforme necessidades e realidade do professor e dos alunos na sala de aula.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. Muito Além da Gramática: por um ensino sem pedras no caminho. SP: Parábola Editorial, 2007

ANTUNES, Irandé. Gramática Contextualizada: limpando o “pó das ideias simples”. – 1ª ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. Org. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

COSTA FILHO, José Moacir Soares da. Aula sobre Sequência didática. Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa. João Pessoa: IFPB, 2020. Disponível em <https://ava.ead.ifpb.edu.br/pluginfile.php/137827/mod_resource/content/1/SD.pdf>.

Acesso em: 11 de nov. 2021.

DOLZ, J., NOVERRAZ, M. & SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: Gêneros Oraís e Escritos na escola./ tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales.

GERHARDT, T.E, SILVEIRA, D.T. (Orgs.) Métodos de Pesquisa. UAB/UFRGS - Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Série Ensino a Distância. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. acessada em: 20 de janeiro de 2022.

PISA 2018. Relatório Nacional. Brasília, DF: INEP/MEC. BRASIL (2019). Eficácia e equidade na educação brasileira: evidências. Disponível em: http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/pisa-2018-revela-baixo-desempenho-escolar-em-leitura-matematica-e-ciencias-no-brasil/21206. Acessado em: 25 de out 2021.

MARCUSCHI, Luís Antônio. Produção textual: análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MENDOÇA, Márcia. Análise lingüística: por que e como avaliar. Capítulo 6. Avaliação em língua portuguesa contribuições para a prática pedagógica / organizado por Beth Marcurschi e Livia Suassuna. — 1 ed., 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

OSHIO, Raquel. Crônica: o que é, características, exemplos e autores. Publicado em: 6 de fevereiro de 2020. Disponível em: <<https://blog.estrategiavestibulares.com.br/literatura/cronica-2/>>. acessada em: 12 de dezembro de 2021.

ROJO, Roxane. Entrevista com Roxane Rojo, professora do Departamento de Linguística Aplicada da UNICAMP. PALIMPSESTO. [Entrevista concedida a] Luiza Vicentini (Mestranda em Literaturas de Língua Inglesa) Juliene Kely Zanardi (Mestranda em Língua Portuguesa). Nº 21 | Ano 14 | 2015 | p. 329-339 | Entrevista (1) | 330.

ANEXO

QUADRO RESUMIDO DAS AULAS	
Aula	Primeira – tempo 45 minutos
Conteúdos	Gênero textual Crônica; compreensão, interpretação e análise textual.
Objetivos	<p>Conhecer o gênero crônica de viagem, do tipo filosóficos, e suas características;</p> <p>Identificar o sentido do texto por meio de intervenções que levem os alunos a compreender e interpretar o gênero crônica “Malásia: Parte IV/Home is where the heart is”, autoria de Moacir Junior, publicada em sua rede social, Facebook, durante uma viagem a Malásia.</p>
Eixos linguísticos	Análise linguística, Oralidade e Leitura.
Metodologia	Roda de conversa, indagações, inferências, exploração de texto, leitura silenciosa, discussão, análise, reflexão, interpretação e compreensão de texto
Evidência da Análise Linguística	análise linguística aparece de forma implícita nas intervenções usadas na aula, integrada aos outros eixos linguísticos
Atividade de Verificação	Identificar no texto trabalhado em sala elementos e características que o classificam como gênero crônica, em seguida, descrevê-los usando parte do próprio texto para exemplificar as características do gênero crônica e depois explicar porque esse gênero é nomeado como gênero crônica de viagem, trazendo, também, parte do texto que ilustra a reflexão que o caracteriza como filosófica.
Aula	Segunda – tempo 45 minutos
Conteúdos	Gênero textual Crônica; Emprego de substantivos, adjetivos e pronomes.
Objetivos	<p>Compreender como as escolhas lexicais que contribuem para o sentido do texto;</p> <p>Identificar nas características do gênero crônica as palavras que representam as sintaxes em estudo;</p> <p>Entender o porquê do gênero crônica precisa ter lexicais simples para caracterizá-lo.</p>
Eixos linguísticos	Análise linguística, Oralidade e Leitura.

Metodologia	Atividade em grupo, análise textual, registro de informação textual, exploração de conhecimento prévio, exposição de atividade oral, explicação conceitual, indagações e exposição de informações lexicais de texto.
Evidência da Análise Linguística	Foi estudada por meio da reflexão sobre os usos lexicais no texto lido, as articulações lexicais utilizadas pelo autor para caracterizar o gênero como crônica e a importância desses usos para a manutenção da temática da crônica.
Atividade de Verificação	Estudo dirigido
Aula	Terceira – tempo 45 minutos
Conteúdos	Gênero textual Crônica e relato de viagem.
Objetivos	Identificar os elementos constituintes do gênero crônica; Produzir uma crônica empregando os elementos constituintes corretamente.
Eixos linguísticos	Análise linguística, Oralidade, Leitura e Produção Textual.
Metodologia	Roda de conversas, discussão, revisão lexical, visita as redes sociais, leitura de coletânea de textos, comparação de textos, reflexão, identificação de elementos textuais, atividade em grupo, pesquisa e exposição oral.
Evidência da Análise Linguística	A análise linguística aconteceu em torno do eixo da produção textual.
Atividade de Verificação	Produção textual
Aula	Quarta – tempo 45 minutos
Conteúdos	Gênero textual Crônica, Pronome, Substantivo e Adjetivo.
Objetivos	Refletir sobre as escolhas lexicais por meio da reescrita de textos; Analisar os textos dos colegas como atividade de leitura, analítica e reflexiva.
Eixos linguísticos	Análise linguística, Oralidade, Leitura e Produção Textual.
Metodologia	Reflexão, análise e reescrita de texto, dinâmica em duplas, leitura, observação e estudo lexicais, roda de conversa sobre empregos lexicais textual, indagações e inferências.
Evidência da Análise Linguística	Esteve centrada na avaliação das produções dos alunos a partir do que fora estudado sobre o gênero e sobre a importância das escolhas lexicais e dos elementos constituintes do gênero crônica, reescrevendo o texto produzido na aula anterior.

Atividade de Verificação	Em seguida será proposta aos alunos a publicação das suas produções na sua rede social <i>Facebook</i> . Para isso será solicitado aos alunos que digitem as crônicas produzidas e reescritas em sala de aula, e, em seguida, postem em sua rede social marcando a página do <i>Facebook</i> da escola onde eles estudam.
Aula	Quinta – tempo 45 minutos
Conteúdos	Gênero textual Crônica e relato de viagem.
Objetivos	Fazer escolhas lexicais para interagirem nas postagens das crônicas feitas pelos colegas rede social Facebook; Refletir sobre as escolhas lexicais usadas na produção do texto e nos comentários feitos no ambiente virtual.
Eixos linguísticos	Análise linguística, Oralidade, Leitura e Produção Textual.
Aspectos trabalhados	Comentários inerentes as outras aulas (revisão), acesso a rede social Facebook, interação por meio dos recursos oferecidos pela página dessa rede social (comentar, compartilhar e curtir), leitura e produção de comentários nos textos publicados dos colegas, apontamentos ou indagações interativas, atividade de engajamentos (escolha do melhor texto) e campanhas de divulgação de texto.
Evidência da Análise Linguística	Ocorreu nas interações on-line na página do <i>Facebook</i> , quando os alunos interagiram por meio de postagens e comentários nas publicações dos colegas usando elementos linguísticos para fazerem apontamentos, questionamentos e observações sobre os textos que foram produzidos e postados na aula anterior.
Atividade de Verificação	O acompanhamento da atividade ocorrerá de forma on-line, por meio da interação virtual quando os alunos fizerem comentários na postagem da crônica dos colegas.

Texto 1: Malásia: Parte I – Pra não dizer que não falei do “tíquete”



Moacir Junior

13 de janeiro de 2019 · 🌐

Malásia: Parte I

Pra não dizer que não falei do “tíquete”

Viajar para a Malásia com certeza nunca esteve em meus planos. Isso foi algo que o destino fez surpresa. Simplesmente aconteceu. É uma longa história lá de Lisboa, que não vem ao caso agora. Enfim, viajar para a Malásia foi algo inesperado.

O planejamento da viagem aconteceu em menos de um mês. Tudo muito simples e seguindo os mesmos passos de qualquer outra viagem internacional. Não teria muito o que fazer de qualquer modo, pois o que é que se faz na Malásia? Não sabia. Pai Google, valei-me!

Foi menos de um mês para viajar, mas a sensação durante a viagem (longa não, a moléstia) era de que iria levar mais de um mês para chegar a Kuala Lumpur, capital da Malásia.

Um voo de João Pessoa para São Paulo. Depois São Paulo para Dubai. Foram 14 horas para chegar ao meio do caminho: Dubai, para uma conexão de 5 horas. Tomei remédio para dormir, li, assisti a dois filmes, pensei na vida, pensei na distribuição das disciplinas de Letras para o semestre 2019.1, sonhei, tive pesadelo, contei até 100, fiz alongamento, repeti todos os passos anteriores e... ainda não tinha chegado.

Quando cheguei a Dubai, inshalá, hora de comer. Para minha felicidade, o aeroporto de Dubai é um dos melhores do mundo. Comi super bem no pub da Heineken e ainda tomei um banho maravilhoso. Há um serviço ótimo de banho para quem está em trânsito. Custou-me 20 dólares. Os mais bem pagos da minha vida.

Mas foram 5 horas em Dubai para que eu pudesse me recompor, pois viriam mais 7 horas no avião para Kuala Lumpur. Quase os mesmos procedimentos: remédio, livro, filme, etc, etc... Mas no voo sentei-me ao lado de dois árabes que falavam mais que o homem da cobra. E eu não entendia nada, só ouvia e não conseguia dormir. Até que eles sentiram na atmosfera pesada que eu estava em desespero e um deles começou a falar comigo em inglês. Descobri que eu era brasileiro, sorriu, ficou feliz...

Inshalá! Na hora de descer do avião, com aquela multidão de gente (gente é gente em qualquer lugar do mundo e todo mundo quer descer ao mesmo tempo), o árabe super simpático sorriu e disse: “Brazilian first!”. Ainda vale de algo ser brasileiro apesar de todos os pesares.

Pronto. Estava em Kuala Lumpur e na imensa fila da imigração. Quando

2019.1, sonhei, tive pesadelo, contei até 100, fiz alongamento, repeti todos os passos anteriores e... ainda não tinha chegado.

Quando cheguei a Dubai, inshalá, hora de comer. Para minha felicidade, o aeroporto de Dubai é um dos melhores do mundo. Comi super bem no pub da Heineken e ainda tomei um banho maravilhoso. Há um serviço ótimo de banho para quem está em trânsito. Custou-me 20 dólares. Os mais bem pagos da minha vida.

Mas foram 5 horas em Dubai para que eu pudesse me recompor, pois viriam mais 7 horas no avião para Kuala Lumpur. Quase os mesmos procedimentos: remédio, livro, filme, etc, etc... Mas no voo sentei-me ao lado de dois árabes que falavam mais que o homem da cobra. E eu não entendia nada, só ouvia e não conseguia dormir. Até que eles sentiram na atmosfera pesada que eu estava em desespero e um deles começou a falar comigo em inglês. Descobri que eu era brasileiro, sorriu, ficou feliz...

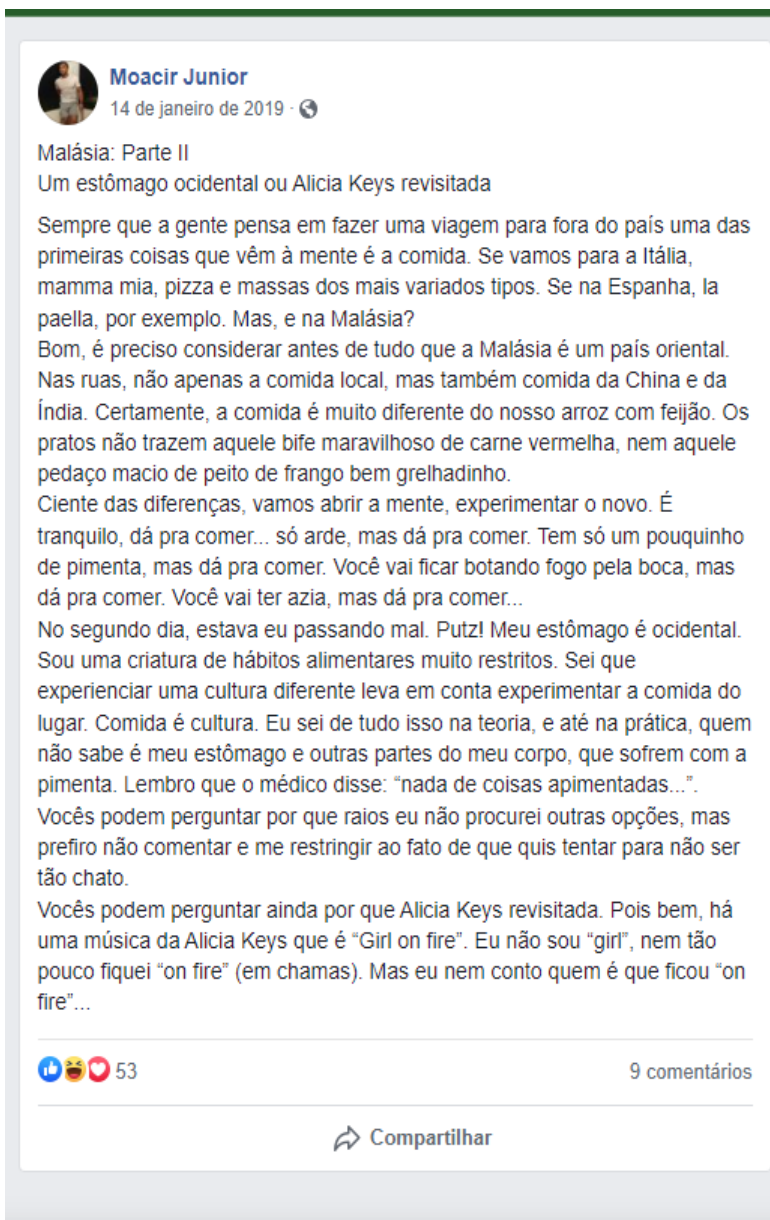
Inshalá! Na hora de descer do avião, com aquela multidão de gente (gente é gente em qualquer lugar do mundo e todo mundo quer descer ao mesmo tempo), o árabe super simpático sorriu e disse: “Brazilian first!”. Ainda vale de algo ser brasileiro apesar de todos os pesares.

Pronto. Estava em Kuala Lumpur e na imensa fila da imigração. Quando chegou a minha vez, eu todo feliz porque estava cada vez mais perto da hora de colocar os meus inchados pés para cima, fui surpreendido com a notícia de que precisava ir a uma salinha pegar um papel. Que papel? Que salinha? What the hell! O agente da imigração, sorridente, mas com um inglês que só a graça divina poderia entender, simplesmente apontou e disse “go ahead”. Ahead eu fui... Mais perdido que eleitor de Bolsonaro na fila do seguro desemprego, tive a sorte de encontrar um outro agente que me disse que o tal papel era um certificado de saúde. Achei o lugar, mostrei meu certificado de vacina contra a febre amarela e a moça me deu um pequeno papel com meus dados e o carimbo dela para eu entregar ao agente de imigração. O papel era tão pequeno que mais parecia um tíquete daqueles de quando não havia cartão de passagem para ônibus. Pronto, eu, um homem saudável, tive meu passaporte carimbado e estava na Malásia.

👍❤️😄 73

21 comentários

🔗 Compartilhar

Texto 2: Malásia: Parte II – Um estômago ocidental ou Alicia Keys revisitada

Moacir Junior
14 de janeiro de 2019 · 🌐

Malásia: Parte II
Um estômago ocidental ou Alicia Keys revisitada

Sempre que a gente pensa em fazer uma viagem para fora do país uma das primeiras coisas que vêm à mente é a comida. Se vamos para a Itália, mamma mia, pizza e massas dos mais variados tipos. Se na Espanha, la paella, por exemplo. Mas, e na Malásia?





Bom, é preciso considerar antes de tudo que a Malásia é um país oriental. Nas ruas, não apenas a comida local, mas também comida da China e da Índia. Certamente, a comida é muito diferente do nosso arroz com feijão. Os pratos não trazem aquele bife maravilhoso de carne vermelha, nem aquele pedaço macio de peito de frango bem grelhadinho.

Ciente das diferenças, vamos abrir a mente, experimentar o novo. É tranquilo, dá pra comer... só arde, mas dá pra comer. Tem só um pouquinho de pimenta, mas dá pra comer. Você vai ficar botando fogo pela boca, mas dá pra comer. Você vai ter azia, mas dá pra comer...


No segundo dia, estava eu passando mal. Putz! Meu estômago é ocidental. Sou uma criatura de hábitos alimentares muito restritos. Sei que experienciar uma cultura diferente leva em conta experimentar a comida do lugar. Comida é cultura. Eu sei de tudo isso na teoria, e até na prática, quem não sabe é meu estômago e outras partes do meu corpo, que sofrem com a pimenta. Lembro que o médico disse: "nada de coisas apimentadas...".

Vocês podem perguntar por que raios eu não procurei outras opções, mas prefiro não comentar e me restringir ao fato de que quis tentar para não ser tão chato.

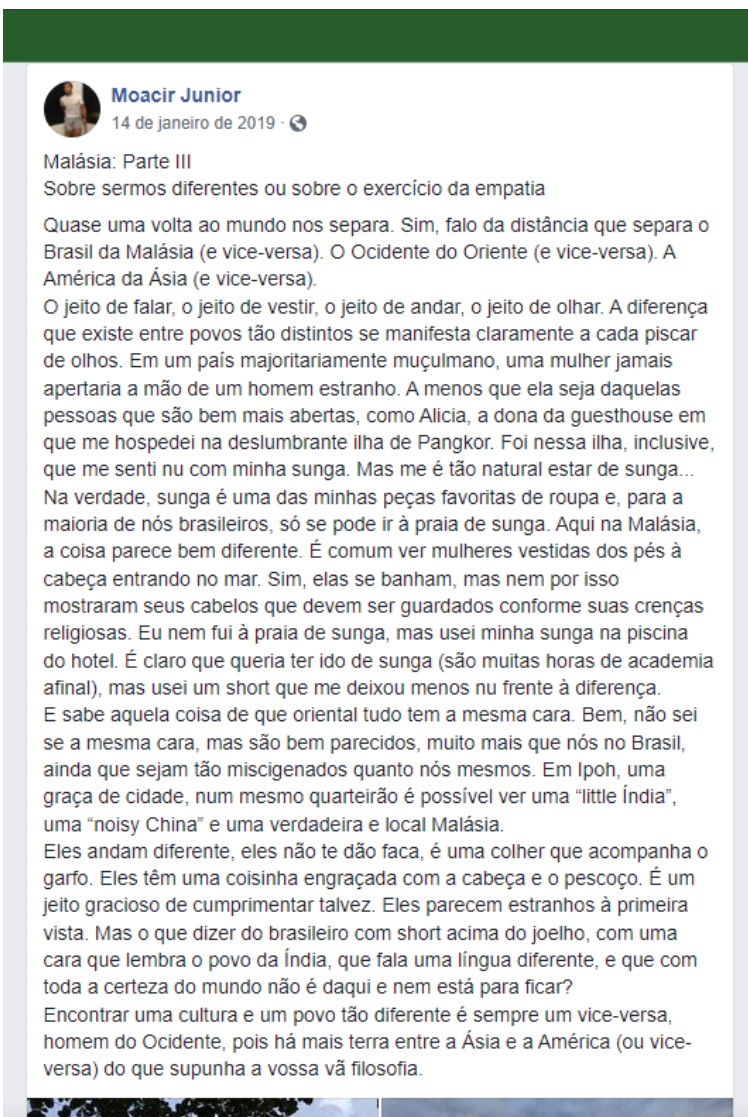
Vocês podem perguntar ainda por que Alicia Keys revisitada. Pois bem, há uma música da Alicia Keys que é "Girl on fire". Eu não sou "girl", nem tão pouco fiquei "on fire" (em chamas). Mas eu nem conto quem é que ficou "on fire"...


    53

9 comentários

 [Compartilhar](#)

Texto 3: Malásia: Parte III – Sobre sermos diferentes ou sobre o exercício da empatia



 **Moacir Junior**
14 de janeiro de 2019 · 🌐

Malásia: Parte III
Sobre sermos diferentes ou sobre o exercício da empatia

Quase uma volta ao mundo nos separa. Sim, falo da distância que separa o Brasil da Malásia (e vice-versa). O Ocidente do Oriente (e vice-versa). A América da Ásia (e vice-versa).


O jeito de falar, o jeito de vestir, o jeito de andar, o jeito de olhar. A diferença que existe entre povos tão distintos se manifesta claramente a cada piscar de olhos. Em um país majoritariamente muçulmano, uma mulher jamais apertaria a mão de um homem estranho. A menos que ela seja daquelas pessoas que são bem mais abertas, como Alicia, a dona da guesthouse em que me hospedei na deslumbrante ilha de Pangkor. Foi nessa ilha, inclusive, que me senti nu com minha sunga. Mas me é tão natural estar de sunga...

Na verdade, sunga é uma das minhas peças favoritas de roupa e, para a maioria de nós brasileiros, só se pode ir à praia de sunga. Aqui na Malásia, a coisa parece bem diferente. É comum ver mulheres vestidas dos pés à cabeça entrando no mar. Sim, elas se banham, mas nem por isso mostraram seus cabelos que devem ser guardados conforme suas crenças religiosas. Eu nem fui à praia de sunga, mas usei minha sunga na piscina do hotel. É claro que queria ter ido de sunga (são muitas horas de academia afinal), mas usei um short que me deixou menos nu frente à diferença.

E sabe aquela coisa de que oriental tudo tem a mesma cara. Bem, não sei se a mesma cara, mas são bem parecidos, muito mais que nós no Brasil, ainda que sejam tão miscigenados quanto nós mesmos. Em Ipoh, uma graça de cidade, num mesmo quarteirão é possível ver uma "little Índia", uma "noisy China" e uma verdadeira e local Malásia.

Eles andam diferente, eles não te dão faca, é uma colher que acompanha o garfo. Eles têm uma coisinha engraçada com a cabeça e o pescoço. É um jeito gracioso de cumprimentar talvez. Eles parecem estranhos à primeira vista. Mas o que dizer do brasileiro com short acima do joelho, com uma cara que lembra o povo da Índia, que fala uma língua diferente, e que com toda a certeza do mundo não é daqui e nem está para ficar?

Encontrar uma cultura e um povo tão diferente é sempre um vice-versa, homem do Ocidente, pois há mais terra entre a Ásia e a América (ou vice-versa) do que supunha a vossa vã filosofia.



Imagens referente ao texto 3



Texto 4: Malásia: Parte 5 – À sétima ou à oitava vista



Moacir Junior está em George Town (Penang).

20 de janeiro de 2019 · 🌐

Malásia: Parte 5

À sétima ou à oitava vista

O estranhamento à terra oriental visitada que citei em outras partes foi algo natural para alguém que nunca tinha saído do mundo ocidental.

As diferenças e a necessidade de lidar com elas afetam a forma de agir, a forma de pensar, a forma de sentir. É difícil gostar quando tudo está dentro de um mesmo pacote. Todos os sentimentos misturados frente a tudo o que se está vendo.

Leva sete dias, talvez oito. Depois, o estranhamento começa a se acomodar, somos seres que se adaptam. Começamos a tirar o que não é essencial, começamos a nos permitir. Novas experiências. Uma rotina jogada no canto mais escuro do quarto do hotel. Perdido entre os lençóis está o desconforto. Abraçamos o novo, o diferente, e permitimos que ele faça parte do momento. É um tal de carpe diem diário para que possamos nos redescobrir ao passo que descobrimos o outro.

Achamos a opção segura para a comida, sem pimenta (pela caridade divina). Achamos a bebida mais segura, mesmo que diante do desconforto de beber álcool quando se pretendia manter a vida saudável. É, viajar tem disso, a gente quebra a rotina, a hora de dormir, a dieta. E que bom que a gente consegue quebrar, e sem se quebrar. Nessa viagem permanente, porque viver já é a maior viagem de todas, o que a gente precisa é juntar. Juntos nós descobrimos.

Foram sete ou oito dias para que os olhos brilhassem. As cores, os aromas, os gestos, os movimentos... Tudo faz mais sentido.


Nesse tour pela Malásia, é em Penang, em George Town, que os olhos se fascinam. Que o coração bate. Ser pulsante.

Até comer é mais fácil. Até lidar com o calor, escaldante, abafado, úmido, produção de Satanás, é mais fácil.

E assim seguimos. Glória a George Town.

Imagens referente ao texto 4

Texto 5: Malásia: Parte 6 – (Com certo atraso) Uma balada malaia

 **Moacir Junior**
21 de fevereiro de 2019 · 🌐

Malásia: Parte 6
(Com certo atraso)
Uma balada malaia

Eu disse na parte anterior desta narrativa, única mas partida, que Penang conquistou meu coração. Valeu a Malásia inteira.

A verdade é que a Malásia, embora seja um país de maioria muçulmana, onde não se pode ingerir bebida alcoólica inclusive, tem seus truques para barrar o conservadorismo e fazer você se jogar em baladas que podem não deixar nada a desejar se comparadas aos agitos ocidentais.

São uns tais de “hidden bars”, ou bares escondidos, que podem ser encontrados na capital, Kuala Lumpur, na bela e aconchegante Ipoh, ou mesmo na estonteante Penang. Um beco escuro, estreito, entre duas paredes de rebocos caindo, pode guiar você pelo distante som da música para um pequeno bar escondido. Uma porta de geladeira solta num canto de um charmoso café pode fazer você entrar em uma verdadeira boate! É música, é cerveja, é gin, é o que você quiser. Escolha. E se não souber escolher, peça ao bartender. Como em Georgetown, no 69, eu pedi a Alvin (gritando) que me preparasse um drink com cores.

Naquela noite em Penang, inclusive, foram vários bares, um drink em cada um na medida em que a noite ia avançando. Experiências alcoólicas, é verdade. Oh, God save my liver! Balões agitando a noite e a festa, que se esticava pelos cantos da rua, super movimentada, vibrante e mista de George Town.

Um brinde, uma rodada de uno (um uno com regras diferentes), uma dança. Na dança da balada malaia, toda a intensidade do lugar e daqueles dias chega à boca, o dente, que já tinha se quebrado uma vez, perde um pedacinho. Ah, Malásia, deixei-te até um pedacinho de mim. Dente com ponta quebrada, quatro últimos dias de viagem sem sorrisos nas fotos. O humor ficou terrível, mas o tempo precisou passar para eu me lembrar com tamanho carinho daquela noite louca, quente e bem vivida na balada Malaia.

Imagem referente ao texto 5

